

Personagens femininas em *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes

Heidianne de Almeida Feitosa – UEPB

O objetivo deste artigo é analisar a representação da mulher no romance infanto-juvenil *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes. Este estudo procura estabelecer uma relação entre as personagens femininas, a forma que elas agem diante das situações em que são “colocadas” e, conseqüentemente, o que esse comportamento pode oferecer ao pequeno leitor. A análise da obra supracitada fundamenta-se teoricamente em concepções sobre literatura infanto-juvenil e, sobretudo, questões de gênero. Para isso, foi imprescindível a leitura de Alain Touraine, Rita Terezinha Schimdt, Liane Schneider, Gayatri Spivak, Elizabeth Wright, Judith Butler, Nádía Batella Gotlib, dentre outros. Foi possível observar a preocupação de Lygia Bojunga em provocar o leitor através de novas idéias, comportamentos edificantes e criativos diante das situações cotidianas, comprovando, assim, sua perspectiva de misturar fantasia à realidade.

Palavras –chave: Literatura Infanto-juvenil –*Angélica* –Personagens femininas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é conseqüência, também, de reflexões originadas de discussões acerca das questões de gênero na literatura, dentre elas destaco as a respeito da mulher na literatura, fomentadas por leituras calcadas em Alain Touraine, Rita Terezinha Schimdt, Liane Schneider, Gayatri Spivak, Elizabeth Wright, Judith Butler, Nádía Batella Gotlib, dentre outros. Apesar da grande diversidade e possibilidades existentes no que diz respeito às obras que nossa literatura apresenta para aplicação ou/e relação dos pensamentos destes autores, optei por uma obra da Literatura Infanto Juvenil, *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes, pois, também esta obra tem muito a ser revelado no que diz respeito à mulher, ao um mundo feminino criado pelos homens, à submissão que, de certo modo, a binaridade homem-mulher proporcionou às mulheres.

É admirável o modo como a autora representa literariamente, nesta obra, a imagem feminina na sociedade por meio da criação de diferentes “perfis”. Os quais se destacam uma jovem/menina cegonha como protagonista, a mãe de Angélica, a jacaré-fêmea, Jandira, e a sapa Mimi. A autora discute questões femininas através da personificação de animais que, de forma alegórica, contrastam com os modelos cristalizados das imagens femininas submissas, sem identidade, dependentes, etc. Bojunga permite, através destas personagens, uma visão mais crítica a respeito da

mulher na sociedade, fomenta questionamentos em relação às normas patriarcais e, conseqüentemente, em função das complicações construídas ao longo da narrativa, proporciona idéias edificantes, principalmente ao público a que se destina — o infanto-juvenil.

A autora apresenta uma quebra de valores absolutos, como a passividade da esposa em relação ao esposo; a superioridade financeira do homem em relação à mulher, a não aceitação de valores cristalizados, tudo isso associado à inventividade, o companheirismo e o diálogo presente de forma latente na obra infanto-juvenil. A maneira como articula suas histórias, através de um plausível jogo narrativo e de personagens bem construídas, conferem ao texto ficcional um modo inovador na maneira como representa a personagem feminina na literatura infantil brasileira contemporânea, como observa Cademartori, (1994, p.65), ao refletir sobre a obra de Lygia: “Em lugar de afirmações absolutas, incentiva à reflexão crítica que examina novas ordenações e mudanças de funcionamento na estrutura social. A fantasia desmitifica o real, propondo novas ordens.”

Este artigo, como já foi citado, consiste numa abordagem analítica de *Angélica*, pretendo através dessa análise, apresentar e discutir o comportamento das personagens femininas desta obra, diante de inquietações, problemas e aflições existenciais. Ao estudar a obra citada, destaco uma personagem feminina com atitude e autonomia, bem como relaciono às outras personagens femininas, para assim, traçar a diferença entre a atitude feminina bem retratada e a voz da mulher usada para o interesse masculino e em favor de uma sociedade opressora e preconceituosa.

Pretendo chamar atenção para a personagem literária feminina na ficção infanto-juvenil e contribuir com os estudos sobre a representação da criança/jovem/menina/mulher na literatura. Pois acreditamos que é, também, a partir da convivência, da experiência existencial da criança com o texto literário que se há a possibilidade de fomentar a formação de novos padrões, bem como do senso crítico.

Busco, assim, contribuir para leituras em que vozes femininas, também, infantis e juvenis reconstroem percepções e vivências rompendo com perfis cristalizados¹, por meio de uma literatura voltada para crianças e adolescentes que têm sua própria dinâmica e que são capazes de construir uma pluralidade de sentidos, uma vez que a literatura deve proporcionar, sobretudo, a satisfação da necessidade universal de

¹ Entendo perfis cristalizados como a representação de mulheres auto-reguladas, submissas, passivas, sem voz, encaixadas a um modelo social dominante e preconceituoso em detrimento da mulher.

fantasia, bem como contribuir para a formação da personalidade, além de ser uma forma de conhecimento do mundo e do ser.

PERCURSO TEÓRICO

Como se sabe, é fundamental que o personagem, de um modo geral, seja vista como elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e estruturas que compõem a seqüência narrativa. Desse modo, também muitos dos personagens da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea mostram relações diretas com seres “reais”, com os quais é possível identificar-se ou encontrar-se através dos seus imaginários. No entanto, por toda história da Literatura Infantil e/ou Infanto-juvenil nem sempre os personagens fizeram parte da possibilidade de identificação de modo, ao menos, aceitável, uma vez que alguns personagens foram construídos numa perspectiva de imposição, apresentando-se de maneira previsível, e quando se tratava de sujeitos “minoría” pela sociedade eram mostrados como inferiores, não muito importantes e, sobretudo, impotentes.

Felizmente, com uma mudança de caráter e, se é possível esse termo, funcionalidade da Literatura Infantil foi incorporado nas narrativas “deste gênero” tanto mudanças de caráter estrutural quanto temático que se estendem à concepções de mundo que se manifestam, principalmente, por meio dos personagens. E esta nova construção, seja do personagem, das questões de identidade cultural, autoritarismo, liberdade de expressão, do ludismo, transformação social é o que interessa, agora, já que sob estes aspectos procuro fomentar uma análise direcionada para afirmação de um indivíduo, muito bem posicionado sob a construção narrativa de Bojunga, Como observa Thomas, Diderot e Epinay, bem como corroboro suas observações:

Não é mais a razão, comum aos dois sexos, que constitui a base da igualdade entre eles. É a imaginação que distingue as mulheres.” Tudo as impressiona. O mundo real não lhes basta. Gostam de criar para si um mundo imaginário...Os espectros, as magias, os prodígios constituem sua obra e seu deleite...suas almas exaltam-se, e seu espírito está sempre mais próximo do entusiasmo. (p. 21) Thomas, Diderot e Epinay

Ao recuperar personagens que fizeram parte da literatura infantil, percebo que, por exemplo, nos contos de fadas, os personagens se misturam num fantástico muito de muito belos, muito feios, muito fracos, muito fortes, muito bons, muito maus, etc. . São,

muitas vezes, personagens estereotipados que se constroem no clima do “Era uma vez...” com o previsível final “ e foram felizes para sempre...”.

A gata borralheira é um exemplo de personagem humilhada e maltratada, sua principal antagonista é sua madrasta má, que aparece em tantas outras histórias com a mesma finalidade. Os contos de fada possuem uma universalidade que permite uma tipologia linear de seus personagens. São seres fictícios com imagens predeterminadas e delineadas, que, segundo Khéde, (1986, p.19) “sugerem um modelo fechado de narrativa, reflexo de uma realidade sociocultural também fechada.”. As muito belas como a Bela adormecida, a Cinderela são personagens marcadas pelo um único traço – à espera do príncipe encantado.

É possível encontrar, também, os seres mágicos, que lembram as soluções mágicas e instantâneas dos problemas que parecem insolúveis. Estes seres, como as fadas, são representações simbólicas da possibilidade de resolução imediata dos problemas reais. Ainda há as bruxas que apresentam, muitas vezes, as forças negativas, portanto, mais uma vez a oposição binária do ser humano. Outros personagens como as rainhas, reis, irmãs, amigos significam a fantasia do poder e os conflitos interpessoais. É interessante observar o desfecho destes personagens, para os antagonistas há o castigo, os protagonistas, que certamente são os bons, são agraciados de alguma maneira.

Somente na segunda metade do século XIX, os enredos escritos para as crianças, apresentam para os leitores mirins personagens com comportamentos peculiares, críticos e, sobretudo, o bom senso, autonomia, independência e, de certo modo, inteligência, é o que confirma Khéde, (1986, p.40), para a autora, “a criança ao se vê simbolizada no mundo ficcional, pode estabelecer o confronto entre a sua vivência (a partir do herói) e a vivência dos adultos, situação que revoluciona a situação do gênero.” Deste modo, identifico a apresentação destes personagens como progressistas, criativos e edificantes; em contrapartida, pode-se ter rejeição, ao deparar-se com personagens com características autoritárias, machistas, conservadoras ou discriminatórias. Obviamente, essa relação não é fundamentalmente válida, a identificação com os personagens não é necessariamente relacionada àquilo que o ser humano é, pelo contrário o leitor pode aproximar-se de seres fictícios que nada tem a ver com sua personalidade.

Essa dualidade (identificação-rejeição) se dará tanto no plano ficcional, entre os próprios personagens da narrativa, quanto para os leitores, em relação aos personagens. Do mesmo modo se dá a verossimilhança dos conflitos a partir de um olhar possível

dentro daquela realidade, tanto no plano da narrativa quanto na leitura das crianças. É a relação intra e intertextual que os personagens estabelecem entre si e com a qual o leitor mirim se identifica, unindo aos processos lúdicos e alegóricos, numa história rica pela discussão de valores e pela forma de viver. É uma maneira de fazer com que a criança incorpore aquilo que é positivo da sociedade, simbolizado, através do personagem, pelo imaginário.

Chamo atenção, também, para outro perfil que vem sendo apresentado – as mães. Estas, por sua vez, assumem várias instâncias e papéis sociais. Correspondem, assim, a representação da mulher na sociedade capitalista, são mães, donas de casas, profissionais que ora se mostram dispostas a ouvir, cuidar dos filhos, compreensivas, bem como, tensas, preocupadas com as pressões do trabalho, do cotidiano, ou até mesmo como mulher apaixonada, oscilando num duelo entre ela mesma e a família e seus princípios cristalizados, como acontece com a mãe de Rebeca, personagem do conto “Tchau”, de Lygia Bojunga. Ela renuncia, consequência de uma paixão, o lar, “rejeita” o pedido da filha para viver ao lado de um amante, pois como afirma Pinheiro:

“Lygia Bojunga nos faz lembrar acima de tudo que antes de ser mãe, a personagem é mulher, ser humano e que, sobretudo, a criança terá sua própria dinâmica de superar a separação dos pais, a partir da perspectiva de um raciocínio infantil que não restringe nem discrimina, a autora coloca a posição dos pais e da criança, e a partir de uma identificação que ela pode proporcionar, prepara-o para defrontar de modo firme as situações inesperadas ou opressoras, neste caso um problema que paira sobre as famílias atuais. A solução para Rebeca se dá quando ela consegue impedir que a mãe leve a mala, como se a mãe precisasse voltar para buscar suas roupas, assim, de algum modo, o leitor perceberá que a sua maneira, Rebeca soluciona o problema. Lygia ainda pondera a partir do diálogo entre pais e filha, o sentimento de cada um dos personagens, tentando desconstruir a idéia perpétua de que o sexo feminino se restringe ao lar, ao educar e zelar pelos filhos.”(p.)

Os personagens contemporâneos tendem a deixar de participar da dicotomia bom e mau, e alcançam uma dimensão crítica que pressupõe a diferença com o outro, numa perspectiva de confronto também com o outro, sem estabelecer conceitos ou denominá-los como vilões ou heróis. Seus valores são mobilizados e é a partir da multiplicidade de posicionamentos que o leitor poderá enxergar uma visão, de algum modo, dinâmica de identidade, ou da busca desta.

ANÁLISE

Como já foi destacado, hoje, ao lado de outros escritores que buscam, através da literatura, expressar os sentimentos dos jovens leitores, destaca-se Lygia Bojunga Nunes, que por meio de seus significativos personagens procura inserir a criança em suas histórias, dando a ela a possibilidade de interagir e co-participar das narrativas. Através dos enredos que cria, questiona falsos valores estabelecidos, indo de encontro, pois, a preconceitos colocados contra os mais desfavorecidos, como afirma Cadermatori(1994, p. 64): “ A autora apresenta como valores a inventividade, o companheirismo e o diálogo, reabilita grupos (importantíssimo para o leitor pré-adolescente) como afirmação da identidade e, ao mesmo tempo, meio de defesa e resistência.”. Deste modo, permite a troca das verdades absolutas por possibilidades e, sobretudo, reflexões.

Também já foi observado que a ficção de Bojunga abrange temas denominados de e para adultos, em que a criança está diretamente envolvida, seja na relação de poder, na repressão à liberdade de expressão, no contexto social. Situações em que as práticas machistas são contempladas, relações interpessoais ou condutas sociais que lhe parecem desumanas e injustas. Todas essas questões podem ser observadas em *Angélica*. Personagens como os que apresentarei a seguir são capazes de propiciar ao jovem leitor a identificação com situações reais que o cerca. Se os personagens enfrentam conflitos, dificuldades e as diversas repressões que o violentam, é através do novo e do criativo que os leitores podem encontrar a si e também ao *outro*.

A metodologia do nosso estudo consiste na análise dos personagens, numa espécie de interrelação entre estes, bem como entre as situações em que são colocados e como as enfrenta. *Angélica* foi escrito num período em que a sociedade brasileira era governada por militares, mas que já se iniciava num momento de distensão política. Tinha início a suspensão da censura direta à imprensa, embora nos rádios e na TV ela ainda permanecesse. Geisel (1974-1979) deixava claro para todos a sua intenção de não dispensar os instrumentos de exceção sempre que fossem necessários para manter a estabilidade militar.

Também no ano de 1975 que a ONU (Organizações da Nações Unidas) ,através de um decreto, oficializava o Dia Internacional da Mulher, em homenagem as mulheres que haviam morrido numa fábrica na cidade de Nova Iorque, em 1857, durante uma

greve. Conjuga-se, pois, neste contexto social histórico e político, a luta pela igualdade política com a luta permanente pelos direitos das mulheres. Nesse sentido, porque não pensar no caráter contestador de uma obra escrita em meio a esses movimentos? No viés desse contexto, se unida à fantasia, a narrativa é recheada de críticas a comportamentos sociais, como nos confirma Ando(2007, p. 6):

A obra também apresenta uma visão extremamente crítica de comportamento social, tais como a hipocrisia, a mentira, o consumismo, o preconceito e a exploração, mas estes são retratados com simplicidade, de forma a serem compreendidos pelo pequeno leitor. É preciso lembrar, no entanto que a representação crítica do real não assume os contornos de uma literatura verista. Assim como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Sergio Caparelli, entre outros grandes autores, Bojunga retoma a linha de ficção lobatiana, ao mesclar realidade e fantasia, a partir de uma visão contestadora e, ao mesmo tempo, lúdica. É a partir dessa cosmovisão que *Angélica* se configura como uma obra que pretende alimentar uma concepção otimista do mundo, uma vez que apresenta um retrato fiel do real, com todos os seus problemas e conflitos, mas que, de algum modo, podem ser superados.

Acrescente-se, ainda, que este livro de Lygia integra todo um contexto de saudável renovação da Literatura brasileira, para comprovar, conhecer os personagens pode, de algum modo, corroborar o que foi afirmado.

Angélica

Embora a capa do livro seja já sugestiva, em relação ao que será tratado na obra, por apresentar um “nome de pessoa”, um ovo recheado dentro de uma flor, o leitor cria uma grande expectativa em relação a quem pertenceria, quem seria Angélica, pois até o terceiro capítulo nada se revela a respeito dela, até então, o leitor só conhece a história do porquinho Porto, seus conflitos de identidade, seus problemas de relação interpessoais e os companheiros que o cercam. Muito embora possa se recordar nas linhas iniciais que a palavra cegonha é mencionada, numa espécie de direção textual, uma vez que se aponta, implicitamente, para a desmitificação da cegonha e do que ela acreditava, bem como o porquinho Porto.

--como é que a gente entra na vida, hem? Tem porta pra bater? E batendo...eles abrem?

Responderam rindo:

--A vida não tem porta, não. A gente nasce no céu e depois as cegonhas trazem a gente para terra.

Ele nunca tinha visto uma cegonha, mas mesmo assim achou a historia mal contada e acabou dizendo que não acreditava.

(Bojunga, 1987, p.9)

Angélica é apresentada ao leitor e a Porto num mesmo momento, no entanto, mais uma vez o leitor permanece na expectativa porque fica sem saber a que veio a cegonha. Porto se apaixona por ela, direcionado pela música, o toque da flauta, uma vez que é o som da flauta que aparece primeiro. “Era uma musiquinha tão boa que o coração de Porto quis logo sair atrás”, como fizesse lembrar as canções angelicais, que acalmam e encantam e cuja relação pode ser feita ao nome Angélica, derivado de anjo.

Mesmo se apresentando, pouco se descobre a respeito da cegonha, dando, assim, continuidade a expectativa construída pela narradora, somente para Porto há certa objetividade e clareza no que diz respeito à cegonha, para Porto, “ela tem cara de certeza.”. Somente nos capítulos seguintes é que a apresentação, de fato, de Angélica.

Através do presente de Porto – a idéia², começa a ser contada a história de uma jovem cegonha que, embora triste, decide mudar de vida por não aceitar viver em meio à mentira – seriam as cegonhas responsáveis por trazerem as crianças ao mundo. Ela vem ao Brasil confiando que aqui não teria que mentir para as pessoas, e não admite preservar o mito construído por gerações pela sua família. Já a viagem, decisão tomada por Angélica, em busca de uma vida nova, representa uma busca de afirmação da identidade e de um sentido para a vida, como afirmou Touraine “Ser uma mulher para si, construir-se como mulher é, ao contrário, transformar *esta mulher para o outro em mulher para si.*” (p. 41). Nesse sentido, é que a afirmação de Porto, de que Angélica teria cara de tanta certeza pode ser recuperada, como voz do narrador, este personagem corrobora e recupera, de certo modo, a *construção de si*, que apresenta Alain Touraine. Também o botão, outro presente, este dado pelo seu avô, confirma a consciência da personagem, como observa Ando e Silva (2004, p.52), “o botão metaforiza a consciência da cegonha (abotoar as idéias significa seguir as metas ditadas pela consciência).” Também o botão representa o laço ainda permanente entre a personagem e a família, Angélica não é a rebelde agressiva, ela sai de casa, no entanto não se desliga

² A idéia que Porto deu para Angélica era assim: “Você não disse que queria trabalhar numa coisa que você achasse bacana? Você não disse que um dia queria contar tua história pra mais gente ouvir? Então? Mistura as duas coisas, Angélica! Pega tudo que você me contou no restaurante, faz um teatrinho com a tua historia e sai mostrando por aí. Pronto. Fim da idéia.” (Bojunga, 1987, p.43)

dos seus familiares, seu desejo é seguir seu próprio destino a partir da “sua verdade”, que não deve ser subjacente à injustiça, como apresenta Rodrigues:

Seguir o próprio destino, eis o que deseja Angélica. Mas não é a rebelde sem causa, muito menos o modelo de personagem “pequeno burguês”, que “rompe”, mas continua gastando as rendas da família. Angélica sai de casa, mas não se desliga afetivamente dos seus irmãos e demais familiares. Ela também enfrenta o mundo do trabalho, como artista que deseja ser. Estão postas, portanto, duas questões importantes: ser menina/mulher independente e ser artista. Lygia Bojunga Nunes cria uma personagem que tem a mesma coragem de Emilia, mas não tem o gênio da boneca. Angélica parece-nos mais agregadora, sem, no entanto, compartilhar com qualquer forma de injustiça. (2006, p. 144).

Evidentemente, a priori, se constrói um conflito entre esta personagem e sua família, já que se questiona uma ordem estabelecida, representando, assim, o contexto advindo da realidade de muitas famílias; o choque ideológico, a submissão da figura feminina (seja esposa, irmã ou filha) por aquele que simboliza o sexo forte e poderoso – o homem. No entanto, a pequena cegonha mostra-se segura e mesmo sozinha opta pela realização do seu desejo, de viver, de fato, a vida que queria viver. A passagem seguinte mostra que Angélica simboliza, também, o não conformismo diante de uma verdade que ela não acredita, mostrando firme e decidida ainda que ninguém compartilhe de suas crenças:

LUX: Não fica chateada, não, Angélica. Olha: se a gente mente sempre a mesma mentira ela acaba com cara de verdade.

ANGÉLICA: Pois eu não acredito.

LUTERO: Uuuuuuuuuuuu! Tá na hora de formar o trem.

LUME: Sabe, Angélica? Se você entrar no nosso trem você acaba pensando do mesmo jeito que a gente pensa.

ANGÉLICA: Mas eu não quero pensar do jeito que vocês pensam: eu acho que tá errado.

LUX: Vem Angélica. Você fica sendo o vagão numero nove e engata atrás de mim. Vai ser legal. Vem.

OS OUTROS: Vem Angélica!

ANGÉLICA: Não!

(Bojunga, 1987, p.60)

Ainda que esta seja uma ideia aparentemente independente de gênero, a obra cria uma imagem diferenciadora, pois não é uma atitude comum, principalmente quando aliada ao sexo feminino. Nossa realidade é pautada numa sociedade onde, na maioria das vezes, o homem tem voz e poder, e a mulher, por sua vez, se submete a se conformar e aceitar aquilo que ela não é. Não fazer parte “do trem” implica não aceitar e, sobretudo, desconstruir a mentira, a hipocrisia, contestá-la. Assim, Angélica se mostra uma mulher decidida e madura, a fim de contestar uma tradição preconceituosa. Embora esteja num conflito interno, decide e acredita que deve viver conforme sua vontade.

A personagem está empenhada em realizar-se, isto é primordial. Entretanto, observo que através dessa realização pessoal, há uma desconstrução da ideologia patriarcal, (já que é o pai quem toma as decisões a respeito das verdades ditas pela família) dominante ao longo da história da humanidade. As mulheres têm lutado para romper com esse sistema e Angélica se mostra atuante, agente, diante de sua complicação. Um símbolo de não conformismo diante de uma realidade que não acredita. É interessante como Bojunga caracteriza de modo lúdico o caráter de uma cegonha menina/mulher rebelado e impulsivo. Desde o momento em que nasce a cegonha mostra-se autônoma. É ela quem escolhe o seu próprio nome: “Eu quero Angélica”, o que além de tudo, se diferencia da progressão em que os nomes dos seus irmãos foram escolhidos, iniciados com “L”. Muito mais que não ter o nome com a mesma inicial dos irmãos, suas atitudes não correspondem ao “normal”, ela é excluída, porque é “diferente”, como se pode observar:

PAI: Não, não, Luneta vem por aqui. Olha, eu vou riscar uma linha com esse giz. Você só vai andar na linha que eu riscar, viu? Pronto, vem.

VÔ: Não é por aí, não, Luneta! Não é nada disso, menina!

LUTERO: Chi, ela não andou na linha!

OS IRMÃOS: Não andou, papai!

(p.52)

Metaforicamente a autora usa a expressão “não andar na linha”, que acaba desenvolvendo a individualidade, a particularidade e o caráter diferenciado da cegonha, pelo menos, aos olhos da maioria. Angélica é marcada pela autenticidade em razão da ruptura que provoca em seu meio. Ao romper com o autoritarismo, com certos valores

propagados por sua família e pela sociedade, é fomentada, a possibilidade de os personagens enfrentarem seus problemas, por meio, quase sempre, do cômico. É através, também, do humor que os personagens contestam comportamentos sociais preconceituosos e prejudiciais.

Um dos exemplos mais significativos que demonstra esta personagem como visionária e despida de preconceitos é no capítulo quatro, quando ela decide pagar o jantar: “Foi quando Angélica acabou de fazer as contas lá dentro do pensamento dela, e viu que o dinheiro que economizando dava certinho pra pagar a conta.” (p.35). É por meio do diálogo que se dá entre Angélica e Porto, que constatamos os pólos diferenciadores de valores que configuram os dois personagens, observe:

--puxa que vergonha.

--o quê?

--você pagou pra mim.

--ué se você pagasse pra mim eu num ia achar vergonha nenhuma.

-- Ah, mas é diferente.

-- Não sei porquê.

-- porque é, ué.

-- porque é ué, não explica nada.

-- porque é o homem que tem sempre que pagar: é por isso.

-- Ih, Porto, essa idéia é tão antiquinha!

-- Foi sempre assim.

-- Você agora tá parecendo o pessoal lá de casa: quando eu dizia que a gente não podia continuar mentindo pra crianças, eles falavam “foi sempre assim”, eu respondia “mas tá errado: a gente tem que mudar” e eles então ficavam zangados comigo. Você já reparou como tem gente à beça que não gosta que as coisas mudem?

-- Hmm.

(p.35)

De um lado, encontramos Angélica, representando a busca da democratização, de igualdade de gênero. Projetando uma inovação aquilo que parece, ainda está cristalizado na sociedade. A mulher, embora já tenha havido grandes mudanças, nas relações de gênero e poder sempre foi vista como inferior e esteve frequentemente numa constante

busca de espaço. Muitas vezes, estava/ está envolta sob a autoridade e submissão dos homens, tendo que ser autorregulada ou adaptar-se a uma estrutura social dominante e injusta.

Angélica simboliza a luta pela igualdade de gênero, sua atitude de pagar a conta, nem seu nível intelectual, a faz superior. “Angélica sabia musica, sabia ler e escrever, até poesia ela sabia fazer.” (p. 29). Pelo contrario, assim, ela nos sinaliza o tempo todo que não se sujeita à passividade, aos mandos e convenções que não acredita, num implícito questionamento: por que tem que ser assim? Mais uma vez, enfrenta algo erroneamente estabelecido pela sociedade, em que o feminino deveria se subordinar ao masculino.

A mulher do jota- Jandira

De encontro à Angélica, destacamos a mulher do crocodilo Jota. Jurisprudência é o nome verdadeiro do crocodilo Jota, não era um sujeito nem muito velho, nem muito novo, era bem zangado e autoritário, mostrava-se arrogante por querer sempre mandar e decidir tudo, característica expressa pela sua marca lingüística: “pronto, acabou-se!”.

Foi logo tomando um bom banho, gostando daquelas águas, resolvendo que aquele lugar era dele, e pronto acabou-se. Chamou o lugar de Rio de Fevereiro, fincou no chão uma placa dizendo PROPRIEDADE PARTICULAR, não deixava ninguém passar ali, e quando reclamava só dizia: “-- Já disse que esse pedaço do mundo é meu, pronto acabou-se!” (p.70).

O que nos chama atenção, além da personalidade autoritária do crocodilo, é a marca da possessividade em sua fala, sobretudo, em relação à mulher, quando faz uso recorrente do pronome possessivo “minha”:

-- Deixa que eu bato: a mulher é **minha**. – E bateu com tanta raiva se apavorou e ficou quieto (p.72)

-- Mas eu vou sozinho: **Minha** mulher fica em casa (p. 72)

-- A mulher é **minha**, a casa é **minha**, e as panelas são **minhas**: você não tem nada que se meter nisso, ouviu? (p.74)

Esses dois operantes argumentativos evidenciam a posição machista e dominadora na relação conjugal, o que implica também a situação violenta que vive a mulher do Jota, que até então nem nomeada é. Ao ser chamada de mulher DO Jota, evidencia-se o

caráter soberano e superior por parte do homem que existe nesta relação.

A mulher do Jota apresenta um sério conflito de identidade, ela só existe a partir da existência do marido, espelhando a posição de submissão, não só como esposa, mas também como mãe e dona de casa. Sua característica principal, inicialmente, se estabelece pela passividade e obediência ao companheiro. Apesar de cheia de desejos, estes são reprimidos pelas ordens do marido. Até então ela só faz aquilo que é coerente e aceitável por Jota.

É importante observar que em *Angélica* há uma espécie de visão colorida da vida, pois quase todos os conflitos em que os personagens estão submetidos são enfrentados, como acontece com A mulher do Jota. Mesmo tratando-se de um sério problema, ele é configurado pela narradora com graça e humor. Esta personagem mostra-se, no decorrer da narrativa, cheia de atitude e rebelde, reconstrói sua identidade e consolida-se como Jandira, ela estava esperando apenas o momento de desabrochar, momento que encontra a partir da oportunidade de trabalhar no teatro, provando, assim, que a passividade na qual estava instaurada não a satisfazia.

Jandira muda de comportamento e aos poucos se faz notável, liberta-se, toma suas próprias decisões e faz suas próprias escolhas. O trabalho coletivo tem, pois, grande importância no processo de construção de si dessa personagem, que claramente se vê agindo sobre si, mais do que os outros, como afirma Tourine:

Elas não buscam salvaguardar ou restabelecer um eu; elas tampouco buscam defender um *self* que seria constituído pelo olhar dos outros, segundo a interpretação clássica. Elas querem claramente agir sobre elas mesmas, mais do que sobre os outros. (43)

Mimi-das-perucas

Mimi-das-Perucas é a personagem representante do consumismo, ela se destaca pelos seus dois objetivos de vida: consumir, e competir compras com a vizinhança. “E enquanto ele (**Napoleão Gonçalves**) dava duro o dia inteirinho na fábrica, Mimi-das-Perucas comprava, comprava, só parava de comprar para ir ao cabeleireiro.” Bojunga, (1987, p. 75, grifo meu). Ela é retratada sob o perfil simbólico da beleza, e do consumo, cujo atributo de maior importância é o corpo. Personaliza seu estilo consumista e de mulher sem atributos intelectuais, que é valorizada apenas pela imagem:

Essas exigências são coerentes com a ideologia da sociedade patriarcal que tem valorizado na mulher, como dissemos, não sua competência intelectual ou sua segurança para tomar decisões, mas as qualidades que agradam aos outros, destacando-se a “beleza física e moral”, atributos que se transformam em *capital simbólico e social*, convertidos em alianças importantes às famílias patriarcais.(BOURDIEU, 1995, apud PASSOS, 2002, p. 63)

Seu marido, Napoleão Gonçalves, é quem sustentava esse consumismo. Ele trabalhava na indústria, não porque gostava, mas para sustentar as futilidades da companheira. Mesmo sendo um sapo inteligente, que tinha opinião a respeito de tudo, “Se perguntavam uma opinião ele pensava um pouco, depois dizia “eu acho isso”, “eu acho aquilo”, não gostava de não achar nada.” Bojunga, (1987, p. 74). , submetia-se a trabalhar naquilo que não lhe dava prazer para alimentar a preocupação de Mimi: a aparência.

É a partir da imagem de Mimi das perucas, que Bojunga representa a mulher escrava, passiva, não submetida à voz masculina, mas subjugada pelas leis da moda, do consumo, que ressalva a importância dada à dicotomia ser x parecer, ou seja, ao parecer e não ser. Uma inversão de valores se apresenta: a mulher deixa de submeter-se ao homem para submeter-se ao mercado estético. Mimi comprava, sobretudo, para competir com os vizinhos e ainda assim, sentia-se infeliz; sua identidade era descoberta a partir daquilo que parecia ser -- A Mimi das perucas, como se fosse propriedade do consumo, da boa aparência, ainda que isso não a fizesse feliz, nem aos seus familiares--, como se observa a partir dos trechos seguintes:

Mas a mulher de Napoleão Gonçalves – que se chamava Mimi das Perucas, e que vivia no cabeleireiro penteando as perucas e comprando roupa e comprando perfume e querendo comprar o dia inteiro e sempre infeliz e sempre dizendo que a vizinha dela tinha mais coisas que ela e sempre querendo mais dinheiro pra comprar mais. (BOJUNGA, 1987, p.75).

O espaço ocupado por Mimi atenta para uma questão polêmica, que aponta para a injunção de valores patriarcais que ressalvam a inferioridade feminina, como se admitindo que as mulheres são inferiores e sem capacidade para pensar:

As mulheres ao introjetarem valores patriarcais que afirmam serem elas ontologicamente inferiores e sem capacidade para pensar e para abrir caminhos, repetem esse padrão na escolha de ocupações de pouco prestígio, e, pior ainda acreditam que elas se dão de forma livre e sem determinações. (PASSOS, 2002, p.65).

A sapa é escrava tanto do consumismo quanto daquilo que deve representar para a sociedade. Ela consome para ostentar aos outros, aquilo que tem. Talvez por não confiar na sua capacidade intelectual é levada a acreditar e se submeter a mundos irreais, como também submeter seu marido àquilo que ela queria, mas, ele não. E muito pior, a busca incessante da sapa pela imagem perfeita a leva a morte. O que parece não ser tão incomum na nossa sociedade, como afirma Moreira, (2002, p. 144, grifo meu), e que nos remete a identificação do leitor a situações reais do que o cerca:

A venda dessa imagem de perfeição e poder tem levado dezenas e dezenas de mulheres a verdadeiras agressões consigo mesmas, dando-lhes a ilusão de que a sonhada e idealizada intervenção cirúrgica, **ou compulsão por compras**, irá preencher os espaços vazios de vidas mal resolvidas, substituindo assim possíveis experiências existenciais bem mais solidas, bem mais verdadeiras por práticas que muitas vezes já tem levado numerosas mulheres à morte.

Além da auto-agressão, ela não consegue ser feliz, nem fazer o marido sentir-se feliz, e muito pior, morre. O excessivo consumismo, nesse caso, está essencialmente ligado ao desejo autodestrutivo, como destacou Moreira. A venda dessa imagem leva a agressões consigo mesma. Além da ilusão de preencher vazios impreenchíveis, ou preenchíveis momentaneamente, a personagem morre, vítima de seu próprio “vício” o que é corroborado pelo trecho seguinte:

E enquanto ele dava duro o dia inteirinho na fabrica, Mimi das perucas comprava, comprava, só parava de comprar pra ir ao cabeleireiro. Até que um dia, Mimi- das- perucas ficou tanto tempo debaixo daquele secador que os cabeleireiros usam, que secou a peruca, a cabeça, Mimi toda secou, morreu. (BOJUNGA, 1987, p.75)

Mãe de Angélica

Por último, apresento a mãe de Angélica, que antes de analisá-la é imprescindível que se recupere a figura do marido ao qual está tão ligada. Ele é o modelo de “macho” autoritário e inflexível, e que todos, seja os filhos ou esposa devem acatar suas ordens, porque ele “sabe tudo” e está sempre correto, por isso todos que o cercam perdem o direito de opinião. É o que acontece com a mãe de Angélica que, subjugada às ordens do marido, é isenta de voz, e, no entanto ela não questiona tal situação e concorda com a figura milenar patriarcal que aí se instaura, como se não percebesse o lugar inferior ao qual foi submetida, ou então por questões culturais aceita sem em momento algum se rebelar. A mãe de Angélica se configura, no universo patriarcal, como reflexo do pensamento masculino, ou seja, a mulher se vincula à conformação da identidade feminina a partir do homem. Duarte, (2002, p.25). em seu artigo intitulado “Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso” faz uma reflexão interessante a respeito de ser a mulher o espelho do homem:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente seria pântano e selva.(...)Eis porque tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se.(1985:48)

E arremata:

“A metáfora do espelho remete de início à passividade destinada historicamente à esposa que, segundo a concepção de Rousseau e de tantos outros, deve aguardar zelosa junto aos filhos a chegada triunfal do *Pater familias*, para então cobri-lo de carinhos e distrações após a lida diária. Assim, a atividade masculina e externa surge em correlação direta com a atividade feminina e doméstica. Quanto menor e menos rentável for esta última, maior e mais produtiva a primeira. No entanto, a mulher entendida como espelho ampliado do homem remete a algo ainda mais profundo – ao próprio caráter relacional, portanto *construído*, das identidades de gênero.” (DUARTE, 2002, p.25).

A mãe de Angélica se configura como uma personagem apagada que aceita mecanicamente, e sem questionar as imposições do marido. Ela apenas repete, ou

concorda, como uma máquina, tudo que ele fala; o seu existir só é projetado a partir do outro. O que se comprova pelo fato de ela, também, não ter nome próprio. É conhecida apenas pela mãe de Angélica. Há entre ela e o marido uma relação de total dominação masculina e calcada numa ideologia patriarcal, onde o homem é visto como superior à mulher, já que os homens seriam os mais racionais, enquanto as mulheres são identificadas pelos sentimentos e beleza. Assim, a autoridade do homem é essencial para o autocontrole masculino. Bojunga introduz na mãe de Angélica um elemento da racionalidade patriarcal, ao qual denomino alienação, como bem explica (PASSOS, 2002, p. 62):

Com isso introduz-se um novo elemento da racionalidade patriarcal, que é a *alienação*, necessária ao modelo de trabalho produtivo da sociedade moderna e naturalização dos processos de desigualdade e injustiça social, como o que se estabelece entre os sexos. Além disso, a *alienação* não deixa espaço para o prazer, para os sentimentos e a emoção.

Considerando que a linguagem, o discurso, marca uma variedade, do ponto de vista lingüístico, em relação ao gênero, que a partir da linguagem questões de identidade, diferença, conflitos, e diversidade podem ser enfatizados, observemos o trecho a seguir que exemplifica essa distinção de linguagem relativa ao gênero. Esse caso ampara as necessidades do homem e da mulher, a partir da abordagem relativa ao poder. Não há só diferenças, variedade meramente ligada ao puramente lingüístico, há diferenças culturais e também o fator autoridade, exercida sobre ambos os gêneros:

PAI: Já disse o que pensava, posso ir m'embora.

MÃE: Eu vou com você

(BOJUNGA, 1987,p.60).

[...]

PAI: Aliás, nós somos a família mais respeitada desse lugar.

MÃE: Somos tão respeitados

(BOJUNGA, 1987, p.46).

Através da figura masculina é que se constrói este perfil feminino, por ser ela a mulher passiva e frágil, obediente e espelho do homem. À cegonha-mãe é negado o direito de se expressar, e se de algum modo isso acontecer, estará desviando-se da norma masculina. Assim a mãe de Angélica torna-se invisível, através de imposições prescritas pelo patriarcalismo, o qual trata as mulheres como inexistentes ou indignas de

atenção, a elas cabem obedecerem e lamentarem, caso as regras ditadas (pelo homem) forem de alguma forma burladas.

Bojunga aqui discute essa dominação masculina e como forma de reverter à situação de dominação, mostra a cegonha de certa forma, ridicularizada, já que é vista como um instrumento que repete o discurso do marido, e conseqüentemente não tem opinião própria. Além do mais, ela é enganada, pelo filho, enquanto costura, como se fosse incapaz de perceber a traquinagem de Lux, um dos seus filhos:

MÃE: Pois eu ouvi bater duas. E duas horas é hora da sesta. Vamos dormir.

PAI: Não bateu nem quatro nem duas.
(BOJUNGA, 1987, p.47).

MÃE: O que é que bateu então?

PAI: Não bateu nada.

TODOS: Ah!...

(BOJUNGA, 1987, (p.49).

Essa personagem se apresenta boba, diante dos conflitos, que de certa maneira está envolvida, e diferentemente de sua filha, ela não se rebela, não se transforma, fazendo o leitor entender que prosseguirá naquela mesma situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acreditar que a leitura de uma obra literária não termina, de fato, na última linha, e ultrapassa o espaço lingüístico, porque também acredito que ali existe um realismo mágico que só essa arte aliada à criatividade do leitor é capaz de oferecer; tenho certeza que não se chegou ao fim de uma pesquisa, apenas um primeiro objetivo foi alcançado. Ao fazer mais de uma leitura de *Angélica* percebo que Lygia Bojunga garante em suas obras uma comunicação entre o texto e o leitor; e essa realidade é recheada de fantasia, que somente a imaginação do leitor é que pode dar significado aquilo que se lê, como afirma Feba:

A linguagem plurissignificativa leva o leitor a ampliar seu campo imaginativo e, guiado pelas mãos do narrador, é convidado a participar da estruturação da obra. Assim, o que nos prender e chamar a atenção durante o ato de ler é encaminhado por interesses que estão ligados às nossas concepções de literatura, leitura e leitor, além de estas estarem

vinculadas às nossas formas práticas de vida social. (FEBA, 2005, p.138).

O objetivo certamente foi alcançado, analisou-se a obra *Angélica* dando destaque ao perfil das personagens femininas que aparecem nesta narrativa. Optei por esse trabalho porque considero que tais personagens representam um novo paradigma na Literatura Infantil brasileira, porque elas se inserem numa perspectiva de questionamentos frente às situações que são colocadas, o que é relativamente novidade no mundo literário infantil, ainda mais quando se trata de personagens femininas.

Como se numa fuga ao que é tido como tradicional, Lygia Bojunga contribui através da sua obra para a formação do leitor como sujeito de uma sociedade, a partir das visões críticas a respeito da realidade e por meio de personagens como Angélica, sua mãe, a mulher do Jota e ainda Mimi das perucas; Lygia levanta aspectos importantes que cercam estas personagens numa proposta inovadora e conscientizadora, que, obviamente, não perde o caráter lúdico e criativo. O que nos confirma esse caráter e a não aceitação, é como afirmamos, o questionamento dessas personagens:

Angélica questiona sua condição de aceitar, de viver em meio à mentira – de que são as cegonhas que trazem os bebês -- que sua família insiste em preservar, ela decide sair do seu país, de perto de seus familiares pra viver conforme achava coerente. Sustenta-se fazendo aquilo que gosta e não se submete a nenhuma figura masculina, nem o pai, nem o dono do restaurante formoso, ou até mesmo o namorado. Pelo contrário, pra ela é natural, tão quanto essencial a igualdade entre os sexos, por isso, muitas vezes ridiculariza atitudes machistas. Angélica não se acomoda em viver em condição marginalizada, e sua opção de vida é uma luta constante para viver em uma sociedade mais justa e sem disparatadas diferenças.

Jandira, a mulher do crocodilo, é também a representação de um personagem que passa a protestar a situação em que vivia; caracteriza-se por uma transformação a fim de conquistar sua autonomia, contrapondo assim, a fatores regressivos da sujeição feminina como a dependência, e a obediência.

Embora nem todas as personagens femininas consigam resolver seus problemas, (mais um elo entre a realidade, pois nem sempre todos os problemas são resolvidos), ou não questionem suas situações, percebo que Bojunga foge da mera função pedagógica, na Literatura Infantil. Ela deixa de utilizar a literatura apenas para exemplificar e ensinar a criança a ser obediente, sugere que os problemas dos personagens sejam superados através da suas atuações sociais, de diálogos, de inventividade e habilidades.

Automaticamente, instiga os leitores a também agir como os personagens. Lygia não dá receitas a respeito do que deve ou não ser feito, não evidencia lições, ela apenas apresenta situações problemas, conflitos e cabe aos personagens sem serem ditados enfrentá-los e desenrolá-los.

O destino “natural” das mulheres, ser mãe, esposa, e dona de casa, marcado pela maternidade, casamento e dedicação ao lar, é profundamente revolucionado. É nesse contexto que Bojunga se vê frente ao desafio de demonstrar que não são características anatômicas e fisiológicas que definem as diferenças entre as desigualdades de gênero, mas a luta pelos direitos igualitários entre os seres humanos. Comprovando, assim o Butler afirma: “O gênero torna-se o lugar dos significados culturais tanto recebidos como inovados.” (p.139)

Têm-se, então, personagens que superam sua condição de oprimida; e se conseqüentemente, a criança projeta um espaço de identificação daquilo que lê e de sua realidade *Angélica* confere ao leitor um importante espaço em seu interior, oferecendo-lhe, ainda, meios de reflexão sobre sua condição e sobre a sociedade que o cerca.

Acredito, então, que *Angélica* é capaz de proporcionar uma experiência singular, que leva o leitor a expandir seu conhecimento, a adquirir novas vivências e a refletir sobre sua realidade, é, sobretudo a prática de leitura que estimula a formação de sujeitos.

É indispensável que destaquemos que mesmo sendo esta obra criada num momento de militância feminina, ela não extrapola seus limites de fantasia em troca de literatura pedagogizante, pelo contrário sua personagem principal mesmo em luta constante pela igualdade social não ensina, não dá receitas do que deve ou não ser feito, do mesmo modo que não evidencia, como estabelecido, o que é certo ou errado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDO, Marta Yumi. *Angélica e o abraço: ponto e contraponto*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá.

ANDO, Marta Yumi e SILVA Rosa Maria Graciotto. *A entrada do leitor no texto ficcional: uma leitura de Angélica de Lygia Bojunga Nunes*. In Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários – V. 7, p.1-17, 2006.

BUTLER, Judith. Variações sobre Sexo e Gênero Beauvoir, Wittig e Foucault.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006. -- (Coleção primeiros passos; 163)

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Os colegas, de Lygia Bojunga Nunes: Um estudo da recepção no ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, 2005

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986. (Série: Princípios)

NUNES, Lygia Bojunga. *Angélica*. 11ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987. (Coleção “4 ventos”)

_____. *Tchau*. Rio de Janeiro, Agir, 2002.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Ser mulher e ser menina: uma análise do conto “Tchau”, de Lygia Bojunga Nunes. Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder*, Florianópolis, p.1-8, 2008.

RODRIGUES, Etienne Mendes. *Bem do seu tamanho e Bento-que-bento-é-o-frade: Da análise à sala de aula*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2006

THOMAS, A. L, DIDEROT, MADAME D’EPINAY. *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres/ Alain Touraine; tradução de Francisco Morás*. 2.ed.revista – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

